

MULHERES DO CERRADO

CONSTRUINDO RESISTÊNCIAS



FÁTIMA BARROS PRESENTE, SEMENTE!

Fátima Barros tornou-se sinônimo de florescer

Com nossos corações carregados de tristeza e pesar recebemos a triste notícia do falecimento da nossa companheira de luta Maria de Fátima Batista Barros, em decorrência da Covid-19.

Ao longo de sua trajetória, lutou incansavelmente pela preservação e defesa de direitos dos povos das comunidades quilombolas. Uma mulher que nasceu no Quilombo da Comunidade Ilha de São Vicente, situada em Araguatins, na região conhecida como Bico do Papagaio (TO), mas com o passar dos anos, tornou-se uma liderança conhecida nacionalmente.

Seu exemplo de amor e resistência na luta em defesa dos direitos dos povos quilombolas nos motiva a continuar a caminhada rumo a uma sociedade melhor!

Em uma de suas participações em eventos de mobilização nacional, Fátima ressaltou: “Nós somos brasileiros e não aceitamos sermos considerados terroristas [Quilombolas e indígenas]. Nós [Quilombolas e indígenas] somos donos desta terra! [...] mas nós estamos de pé e estamos lutando porque essa terra é nossa! Eu sou uma guerreira do povo quilombola e isso tá acima de tudo”

Sim, Fátima, e seu exemplo irá florescer dia após dia entre nós.

Nossa solidariedade aos familiares e aos companheiros e companheiras de luta que conviveram com a Fátima.

**Sigamos com seu exemplo de amor,
resistência e esperança!**





“Precisamos fazer brotar a
esperança em nosso país.
Para nós a terra é sagrada.”

Fátima Barros

MULHERES DO CERRADO

CONSTRUINDO RESISTÊNCIAS



INTRODUÇÃO

A Articulação das Mulheres do Cerrado surge em junho de 2019, com a realização do I Encontro de Mulheres do Cerrado e desde então vem se consolidando como um espaço de auto-organização das mulheres no âmbito da Campanha em Defesa do Cerrado. Nesse curto período de existência muito já foi construído, alimentado e fortalecido.

Em novembro de 2020 foi realizado o II Encontro de Mulheres do Cerrado: construindo resistências. Com coragem e teimosia mais de 100 mulheres estiveram reunidas virtualmente, enfrentando os desafios impostos pela pandemia, entre eles o da exclusão digital.

Esta cartilha é um dos muitos produtos desse esforço coletivo de entender a realidade vivida, buscando transformá-la. Nela estão registradas, com força e beleza, muitas das falas das mulheres, e muitas das referências trazidas por elas, sobre o sistema capitalista, sobre o racismo e o etnocentrismo e



sobre o patriarcado, mostrando como esses sistemas, operando ao mesmo tempo, atravessam nossos corpos e os territórios.

A partir desse material também é possível refletir como tudo isso se manifesta nesse momento de pandemia em que as mulheres são tão fortemente impactadas e como o sistema capitalista é responsável pelo surgimento das pandemias.

Mas, como não poderia deixar de ser, também estão grafadas nessas páginas algumas das muitas expressões de resistência das mulheres do cerrado que, mesmo em um período de tantos desmandos, tantos retrocessos promovidos pelo projeto genocida em curso, não esmorecem.

Assim, com a força das suas ancestrais, as mulheres do Cerrado seguem enfrentando o sistema capitalista-racista-patriarcal a partir da vida cotidiana, da produção de conhecimento, das lutas travadas nos seus territórios. Seguem construindo resistências pois, como dito na carta do II Encontro: "Não existem territórios livres com corpos presos!"



CAPITALISMO



CAPITALISMO



“A acumulação capitalista é estruturalmente dependente da livre apropriação de enormes quantidades de trabalho e de recursos, que devem aparecer para o mercado como externalidades – tais como o trabalho doméstico não remunerado que as mulheres prestaram, e no qual os empregadores se basearam para a reprodução da força de trabalho.”

(Silvia Federici)

CLASSE - O capitalismo tem cara, pata, pés, cpfs: se divide entre ricos e pobres, patrões e empregados, grandes empreendimentos e territórios impactados.

“Estamos tratando de classes contrárias e projetos antagônicos, É como minha avó dizia: água e óleo pra gente, não se misturam. No Cerrado temos várias transnacionais (Monsanto, Bunge, Cosan), presentes no território. O que perpassa tudo é a violência. Mas o capitalismo qualificou o patriarcado, e deu uma face mais violenta apesar de ser anterior.”

(Maria Kazé - MPA)



EMPRESA - É uma representação do capitalismo. Cria raízes no território. Outra face das empresas são os coronéis e grileiros.

“A Suzano Papel e Celulose é o rosto do capitalismo pra gente, somos nós que sentimos os impactos que uma multinacional dessa causa, seja ambientalmente, politicamente, em todos os sentidos”, relatou uma das participantes, que integra o MIQCB do Maranhão.



6 BILIONÁRIOS DETÊM 44% DE TODA A RIQUEZA NO BRASIL

“Estamos dentro desse sistema. Ele existe, a gente não vê, mas sente a dominação que se baseia na exploração e divisão sexual nosso trabalho, no controle sobre o nosso corpo, no poder maior para os homens e na violência como uma forma de manter a mulher num lugar subordinado.”

(Carmen Silva - ONG SOS Corpo)



O capitalismo não é uma figura abstrata, as mulheres do Cerrado conhecem seus nomes, suas botas e suas caras, são as empresas que estão instaladas no Cerrado, explica Maria Kazé, do Movimento Pequenos Agricultores (MPA) no Piauí.

“Não podemos falar de um capitalismo distante, que paira no ar, mas sim do capitalismo que está com os pés no nosso Cerrado.”

“Estamos falando de empresas como a Radar, por exemplo, ela é uma representação do capitalismo, assim como alguns políticos e empresários que representam o capitalismo”. Ela lembrou que, apesar de eles terem um domínio hegemônico, eles são minoria.



TRABALHO - É a forma de reprodução de forças do ser humano para garantir sua sobrevivência. No entanto, dentro do sistema capitalista o trabalho tomou forma na exploração dos corpos, com uma divisão entre exploradores e explorados, possuindo um recorte de raça (negros/indígenas × brancos), classe (ricos × pobres) e gênero (homens × mulheres/outras). Assim, aqueles que detêm a concentração de poder a partir

dos indicadores de raça, classe e gênero, exploram e oprimem os corpos mais vulneráveis. Na parte mais baixa dessa pirâmide estão as mulheres, principalmente as negras, indígenas e pobres.

“Sofremos violência do capitalismo do poder, quando as mulheres tomam um lugar de poder, porque nesse sistema que vivemos é como se nós não pudéssemos estar nesse lugar. Não somos vistas como pessoas que podem ter poder”.



“Outra coisa central é o conceito de trabalho, o trabalho doméstico deveria ser distribuído entre as pessoas da casa, uma divisão de trabalho doméstico fica como obrigação das mulheres e nosso trabalho fora de casa é menos valorizado.”

(Carmen - ONG SOS Corpo)

PODER - pode ser representado por diversas frentes:

- **Nos territórios, comunidades e aldeias**, aparece por meio dos grandes empreendimentos, empresas, latifundiários e grileiros. Essas figuras promovem exploração **ilegal e legal** dos recursos naturais, violência e ameaças contra pessoas, exploração do trabalho e em muitos casos, até mesmo o trabalho escravo.
- **No estado**, por meio de governantes que violam os direitos das populações mais vulneráveis e são contra a defesa do meio ambiente e do bem viver.
- **No ambiente doméstico**, por meio do machismo, que explora e violenta os corpos das mulheres diariamente.

E são as mulheres que fizeram o enfrentamento dessas opressões ao longo da história.

“Nós aprendemos, via contrato social, quais deveriam ser as estruturas da sociedade, qual o papel da mulher e a televisão, a igreja, etc sempre nos dizem para viver de acordo com esse contrato social, que nada mais é do que a estrutura para manter o capitalismo, manter as coisas como estão. **Mas precisamos rasgar esse contrato social e não agir da forma como a sociedade quer que a gente faça**”



VIDAS NEGRAS

IMPORTAM

RACISMO



RACISMO!

DENUNCIAMOS O
NAMORO DO BRASIL
COM A AFRICA DO SUL!

RACISMO
É UM
VÍRUS



RACISMO E ETNOCENTRISMO, UM MAL QUE CAMINHA DE MÃOS DADAS

RACISMO é a dominação da raça branca que se considera superior aos povos negros. (Carmem Silva - ONG SOS Corpo)

Durante três séculos, quase quatro séculos, as pessoas negras foram tratadas como mercadoria, e construíram as riquezas desse Brasil sem ter acesso a essas riquezas. E a partir daí essas desigualdades foram sendo construídas, então se pessoas negras hoje não ocupam espaços de poder, eles partem de um lugar social que suas oportunidades são restringidas por causa do racismo. **O Brasil foi o último dos países das Américas a abolir a escravidão**, o que gerou impactos na construção da nossa sociedade, fatos históricos que construíram essas desigualdades, a própria constituição do Império de 1824, de que só os cidadãos livres podiam estudar, e quem eram os cidadãos livres em 1824? A própria lei de terras de 1850, que



a partir daquele momento, pra ter terra, só comprando terra do Estado, e quem podia comprar terra em 1850? Foram várias ações que criaram essas desigualdades. (Djamila Ribeiro, 2020).

“Eu amo a África, eu sou a África, mas roubaram a África de mim. Salve o povo negro, salve a África.”

(Alda - Cimi)

ETNOCENTRISMO

RACISTAS ✠

Ódio etnico



ETNOCENTRISMO é uma visão e postura que considera uma cultura melhor e superior às demais culturas, vistas como selvagens e inferiores. É uma construção social que tem elementos intelectuais e comportamentais. O etnocentrismo se caracteriza por uma postura arrogante que diferencia o civilizado e o selvagem. Não pode ser tido propriamente como a cultura de uma época, pois caracteriza o choque cultural – sempre possível – quando alguém se defronta com uma cultura totalmente diferente da sua. Trata-se de uma postura de imediata rejeição e aversão ao outro. (Rocha, 1994; Levi-Strauss, 1976).



“Os povos indígenas têm suas portas arrombadas desde 1500 pelos portugueses homens brancos e na atualidade continuam as invasões pelos brancos brasileiros e estrangeiros.”

(Vanusa Guajajara - ISPN/RAMA)

“Machismo e racismo são termos que não faziam parte da nossa realidade e que agora faz parte da nossa realidade atual, não estava dentro do nosso povo e prova disso foi o processo de miscigenação através dos estupros de mulheres indígenas e negras. Então, é muito complicado pensar que esse processo histórico ainda nos afeta, afeta nosso povo. Temos uma visão muito diferente desse mundo, capitalista e europeu. E às vezes quando a gente fala que somos indígenas, e as pessoas falam “nossa avó também era indígena e foi pegada no laço”. Existe uma reprodução dessa violência, muitas vezes até pelas próprias mulheres. Esses conceitos são novos e precisamos discutir isso dentro das terras indígenas. Temos que aprender a falar isso dentro do Povo”.

(Jucirema Xakriabá)

“Com meu pai eu aprendi e como mulher eu levei essa luta para retomar nosso espaço, **tenho o direito de defender nosso povo, na retomada dos territórios**. Minha luta é defender tudo, o direito das mulheres do Cerrado, o direito de mexer na roça, estamos lutando pelo reconhecimento da realidade das etnias, de denunciar como a gente está sofrendo em Mato Grosso do Sul. Queremos ser ouvidas e lutar pela terra que é nossa mãe. Temos o direito de retomá-la à terra para o futuro das crianças. Na cidade sofremos muitos preconceitos, mas continuo na luta pela terra, até eu morrer como morreu meu pai.”

(Lucinhe Guarani Kawioá)

“Temos que construir o amor pois ninguém nasce odiando alguém por ser negro por exemplo. **Tire o seu racismo do meu caminho que eu quero passar com minha cor.**”

(Maria Kazé, camponesa)

“A luta é incessante e não para. É preciso descolonizar as práticas de luta. Envolver as novas formas de lutas e fazer brotar a esperança em nosso país. Lutando fortemente percebemos como temos ausência de lugares de fala e pelas coisas que não podemos dizer e se fazer entender ao longo do processo de resistência.”

(Fátima Barros, Quilombola)

“Diferenças entre classe, gênero e etnia têm relações muito fortes. Capitalismo é desigual para quilombolas, indígenas, ciganos, LGBTQI+. É claro que uma mulher branca da classe média não sofre com essas opressões.”

(Maria Kazé, camponesa)





MACHISMO E PATRIARCADO

MACHISMO e PATRIARCADO



“As práticas machistas e patriarcais, perpetuadas pelo Estado e por empresas, tentam exterminar nossas histórias, nos expulsando dos territórios [...]”.

MACHISMO - Conjunto de crenças, atitudes, práticas políticas, econômicas, culturais e sociais que colocam as mulheres como seres inferiores aos homens e, com isso, negam a elas a ocupação de espaços ou as marginalizam.

“Nós temos um projeto de plantio de mandioca, sou líder do grupo. E acho normal porque se eu colocar um pouco de admiração nisso é como se eu tivesse praticado o machismo comigo mesmo. E esse machismo sempre existiu, mas talvez com outros nomes. Ouvi das minhas tias os relatos de que ela dizia que não participava dos encontros dos homens, e não falar é violência.”

(Vanusa Guajajara - ISPN/RAMA)

O aumento da violência contra as mulheres se dá principalmente em decorrência do machismo. De acordo com o Mapa da Violência de Gênero no Brasil, em 2017, as mulheres foram vítimas de 89% das violações sexuais (estupros) e também representam 67% dos registros de violência física. Essas violências são vivenciadas diariamente nos territórios.

“O índice de violência aumentou dentro das comunidades, uma companheira teve o filho morto, por defender a mãe por conta da violência. Na minha casa meu marido não entendia a relação com a terra, com a comunidade, o amor que tenho pelas mulheres, pelas palmeiras de babaçu, pela terra.”

"COMO MULHER EU LEVEI ESSA LUTA PARA RETOMAR ESSE ESPAÇO, TENHO MUITO DIREITO DE DEFENDER MOSSO POVO, NA RETOMADA DOS TERRITÓRIOS. MINHA LUTA É DE DEFENDER TUDO, O DIREITO DAS MULHERES, AS MULHERES DO CERRADO."

"QUERIAM DEIXAR MOSSO PODER, PELOS FAZENDEIROS QUE TIRAM MOSSA TERRA E MOSSA MATUREZA, TRADICIONAIS. MAS ENQUANTO ESTIVERMOS VIVAS, NÃO VÃO TIRAR MOSSA FALA."

LUCINE GUARAMI KAIOWÁ



(Francisca Pereira MIQCB - Codó).

"São várias comunidades, famílias, que estão sendo expulsas pelo agronegócio. Nessas áreas não é só a violência doméstica, mas a do campo, principalmente quando estamos defendendo o que é nosso, a violência é generalizada. Tenho uma preocupação de ser perseguida e violentada em defender os direitos da gente. Eu hoje estou no Movimento e passo por esses problemas, às vezes temos que fazer coisas que não era do meu interesse, mas agora estou fazendo meus projetos de horta."

(Hélia - Coletivo Fundo Fecho de Pasto e da Escola Família Agrícola)

A autora Silvia Federici (2017), explica que o processo de acumulação capitalista não se deu apenas pelos cercamentos de terras dos trabalhadores na Europa e pela escravização dos povos originários da África e da América, mas também pela construção de uma nova ordem patriarcal.

O desenvolvimento do patriarcado levou à exclusão de mulheres de trabalhos remunerados, provocando um efeito de subordinação e de

dependência econômica em relação aos homens e, ao mesmo tempo, transformando seus corpos em máquinas de trabalho doméstico e de parir. **Mas afinal, o que é o patriarcado?**

PATRIARCADO - Sistema sociopolítico em que há a dominação dos homens sobre as mulheres. É esse sistema que sustenta o machismo e o capitalismo.

“No sistema patriarcal, nós mulheres temos menos poder que os homens. Não tem a ver só com minha família, isso é uma estrutura. Nessa roda, em que o sistema é representado, há o controle sobre o nosso corpo, a divisão sexual do trabalho, o poder para os homens e a violência para nos manter nesse poder[...].”

(Carmem Silva - ONG SOS Corpo)

Grande parte da história das mulheres foi marcada pela submissão. Soma-se a isso uma dupla carga: de **opressão e exploração**. Subordinadas ao modelo patriarcal, que reforçava a ideologia de que os homens são superiores às mulheres, por isso as submetem a uma suposta condição de inferioridade, essa dura realidade foi vivida durante séculos e ainda é recorrente nos dias de hoje. Em um contexto em que os valores patriarcais eram altamente influenciáveis, a história das mulheres acabou sendo escrita por homens, homens de elite e de classes dominantes ou a serviço delas.

“Foi assim que desde a antiguidade até nossos dias, os primeiros elaboravam teorias, defendiam idéias e opiniões que muito influenciaram na formação de uma imagem de mulher para justificar o lugar da segunda categoria que ela sempre ocupou na sociedade. Eles foram políticos, filósofos, religiosos, pensadores de todos os tipos.”

(ALAMBERT, 2004, p.02)



"ENFRENTAR O RACISMO, MACHISMO E PATRIARCADO É UMA GRANDE LUTA POLÍTICA. QUEM MAIS TEM SE COLOCADO À FRENTE DESSAS QUESTÕES SÃO AS MULHERES, ÀS VEZES A GENTE ASSINA ESSE CONTRATO SOCIAL COM SANGUE E LÁGRIMAS."

"TEMOS QUE SEGUIR COMO SEMEITEIRA E SEGUIR MULTIPLICANDO, AJUDANDO E NASCENDO COM OUTRAS MULHERES NA LUTA. MÃOS E ABRAÇOS ABERTOS SEMPRE PARA AS COMPANHEIRAS QUE SOFREM AS OPRESSÕES."

MARIA KAZÉ



O modelo imposto pela sociedade patriarcal, machista e racista, que estabelece uma visão equivocada de dominação, há anos atinge cruelmente a vida das mulheres.

"Enfrentar o racismo, machismo e patriarcado é uma grande luta política. Quem mais tem se colocado à frente dessas questões são as mulheres, às vezes a gente assina esse contrato social com sangue e lágrimas, mesmo não querendo muitas vezes. Por isso precisamos rasgar esse contrato!"

(Maria Kazé - MPA)

Aprendemos, com essa mesma história, que a opressão só é vencida por quem é oprimido. No caso do machismo, em que as mulheres são as maiores vítimas, somos nós que precisamos assumir a luta e garantir a participação feminina no projeto popular. E que não seja apenas simbólico, só um elemento místico. Precisamos nos organizar, construir alianças entre mulheres do campo e da cidade, fortalecer lutas em que sejamos protagonistas, como o 8 de março, que celebra o Dia Internacional da Mulher, e desempenhar papéis importantes na sociedade, sempre lutando por justiça e por direitos.

“Quando as mulheres tomam um lugar de poder, é como se nós não pudéssemos estar nesse lugar. São coisas pequenas, como estar na associação da comunidade, numa fala na reunião. Nessas eleições nós estamos fortalecendo os homens que estão espancando mulheres, machistas, violentos. Temos que votar em mulheres, fortalecer essa política. Fortalecer essa política juntas e juntos. Esse é um dos espaços dessa ação coletiva.”

(Sandra Regina - MIQCB)

A teórica Bell Hooks (2019), propõe uma transformação que envolve uma crítica ao machismo (e também à dominação da supremacia branca) e apresenta o feminismo como uma possível política transformadora. Mas defende que para que a luta feminista coloque fim a dominação patriarcal, essa deva ser considerada de igual importância por mulheres e homens e que também seja construída coletivamente, com amor e solidariedade.



“Todos nós do cerrado temos missão para não parar de lutar, ter amor pelos que estamos vivendo. Temos que denunciar, se não denunciarmos, quem vai fazer? Não tem coragem de denunciar e aí perde a vida. E



nós amamos muito nossos filhos, nós temos que cuidar, também da mãe terra, da água, nós temos que cuidar. São tantas barragens que estão fazendo. Temos um candidato para prefeito do Povo Xerente, estou com ele para fortalecer a luta. É momento de levantarmos nossa voz e construir nosso território, nossa floresta, nosso cerrado.”

(Elza Xerente)



“Temos aprendido muito, em ter noção sobre a violência, que a violência não é só bater. Temos aprendido a tocar nossa associação, nossa comunidade. Temos aprendido a trabalhar e que nós mulheres somos muito importante. Se não fosse nós mulheres, nada ia para frente. Os homens são muito acomodados. Com esses encontros, a cada dia mais, nós estamos à frente de tudo.”

(Marta - Cimi)

"Desconstruir, desmontar, descolonizar o peso da violência contra as mulheres"



RESISTÊNCIAS

RESISTÊNCIAS



**"Elas estão chegando, pelas portas e janelas,
Avenidas e vielas. Elas estão chegando."**

(Canto entoado no 1º Encontro das Mulheres do Cerrado/Junho 2019).

As mulheres cerradeiras chegaram, brotaram da terra, eram mais de 100 (cem), ressurgiram como poesia, e disseram bem forte, "Somos mulheres, guardiãs do Cerrado e dos saberes populares que herdamos de nossos e nossas ancestrais. Por toda nossa história, lutamos para que nossa cultura e modos de vida resistam. Unidas na nossa diversidade, afirmamos que o Cerrado brasileiro tem cara de mulher. Essa mulher é resistente, resiliente, negra, indígena, quilombola, feminista, camponesa, assentadas e acampadas, sem-terra, atingida por mineração e barragens, quebradeira de coco babaçu, sertaneja, pescadora, vazanteira, LGBTQ+, assalariada rural, fundo e fecho de pasto, raizeira, benzedeira, agricultora familiar, geraizeira, ribeirinha e artesã."

"Vou virar seu corpo para que seu rosto beije o cerrado e compreenda que as mulheres estão em luta e de pé, soprarei sua coluna do início ao fim para limpar, aumentar sua força de seguir motivada pela força da beleza da vida. Agora, você está pronta para a vida que você escolher viver."

(Simone - CPT GO)

"Depois de muito tambor e maracá: Não existe babaçu livre em terra presa. A escassez, a negação do outro não nos pertencem!"

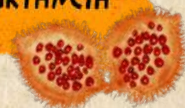
(Meire - Cimi)

As mulheres, em sintonia com seus antepassados, juntas têm um conhecimento tradicional da biodiversidade, muitas espécies de plantas tem uso medicinal e são utilizadas para fazer chás e curar doenças, são seus modos de vida que mantêm as florestas e os campos de pé. É tempo de fazer ecoar suas resistências, valorizar seus saberes e práticas, ampliando a visibilidade do papel das mulheres enquanto guardiãs das florestas.

“Não podemos recuar em nossa luta, pois os inimigos estão unificados para tirar os nossos direitos. Não temos projetos de saúde específicos à saúde quilombola, nem para mulheres quilombolas. Importância das denúncias, articulação com movimentos e universidades para denúncias internacionais também.”

(Fátima Barros)

“DESCONSTRUIR, DESMONTAR, DESCOLONIZAR O PESO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. IMPORTÂNCIA DAS RETOMADAS”



(Meire - CIMI)

O Cerrado é um mosaico de vidas e biodiversidades. Queremos nossa Terra e nosso território livre das ameaças dos grandes projetos. A nossa mãe Terra para nós mulheres tem caráter coletivo, somos guardiãs da Terra, Território e do nosso Cerrado.

“A luta é incessante e não para. Descolonizar as práticas de luta. Envolver as mais novas. Fazer brotar a esperança em nosso país. Lutando fortemente percebemos como temos ausência de lugares de fala e pelas coisas que não podemos dizer e se fazer entender ao longo do processo de resistência. Falo do meu lugar social e do lugar que eu ocupo! A resistência é todo dia e toda hora”

(Fátima Barros)

“Nós mulheres somos como as águas, nos fortalecemos quando nos encontramos.”

PALAVRAS DE RESISTÊNCIAS:

RESISTÊNCIA, RESILIÊNCIA, ANIMAÇÃO, LUTA, MEMÓRIA,
CORAGEM, CAMINHOS, SOLIDARIEDADE, FÉ, DESPERTAR, TROCA
DE SABER, EMPODERAMENTO, RESISTÊNCIA DAS MULHERES
INDÍGENAS, UNIÃO, PERSISTÊNCIA.



Vozes e mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.



A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo)

AUTONOMIA E SOLIDARIEDADE NA CONSTRUÇÃO DAS RESISTÊNCIAS



“Nós, mulheres cerradeiras, vivemos de maneira sustentável, cultivando nossas roças e utilizando as riquezas dos frutos do cerrado, temos: o pequi, buriti, cajuzinho, mangaba, baru...”.

É de maneira sustentável que as mulheres do Cerrado cultivam, cotidianamente, suas AUTONOMIAS.

AUTONOMIA é o poder de atuação em relação à organização do trabalho, ao uso dos frutos adquiridos a partir dele e aos processos de tomada de decisão em diversas esferas - nas comunidades, nas associações, no manejo com a terra, na luta, no ambiente familiar, etc - inclusive o poder de tomada de decisões sobre si mesma, sobre o próprio corpo. A autonomia das mulheres do campo rompe com as marcas de formação coloniais e patriarcais que incidem sobre o cotidiano da vida nos territórios.

“As mulheres artesãs aprenderam a costurar o capim dourado, hoje já melhorou bastante, as pessoas não tinham valor do que elas tinham, sobre o trabalho de nós mulheres... não tínhamos condições de participar. Mas temos aprendido muito, como professora tenho trabalhado com as mulheres sobre a importância da valorização de cada uma, com sua cor, raça, jeito, trabalho. Essas histórias passamos no dia-a-dia na família e ainda lutamos pela terra e por nosso lugar. A luta pela terra tem sido muito acirrada e nós jovens mulheres raizeiras temos enfrentado essa luta e continuamos avançando na história.”

(Neide - Formosa do Rio Preto)



A autonomia estimula o empoderamento, proporcionando às mulheres poder de decisão equivalente ao dos homens e abre espaço para seus protagonismos, produtivos, sociais e políticos. É por meio da auto-organização coletiva que as mulheres se reconhecem como sujeitas ativas e rompem com as cercas do patriarcado, da desvalorização e da invisibilidade, conquistando, assim, autonomia financeira e possibilidade de atuação nos espaços políticos de luta,



“A mulher do cerrado é forte resistente, faz acontecer a agroecologia, cuida das águas recuperando nascentes e construindo autonomia.”

(Rita Lina - Comunidade João de Deus/GO)

A juventude também se insere nesse contexto como atores fundamentais para os processos de fomento e garantia de autonomia:

“Enquanto jovem é preciso termos força, conhecimento e autonomia. Podemos ir mais além e buscar nosso espaço. Temos visto a participação da juventude dentro da Associação, isso é muito bom. Nunca desistir de buscar e lutar pelos nossos espaços.”

(Beatriz)

Autônomas, as mulheres camponesas se afirmam enquanto produtoras de saberes, de renda, de vida e de economia e se fortalecem para o enfrentamento de todas as formas de violência.

SOLIDARIEDADE

“Somos separadas pelos rios e juntas pelo mar”

O enfrentamento das violências em diversos territórios cerradeiros une mulheres camponesas em redes feministas de afeto e solidariedade.

A teórica Bell Hooks (2019), propõe uma transformação que envolve uma crítica ao machismo (e também à dominação da supremacia branca) e apresenta o feminismo como uma possível política transformadora. Mas defende que para que a luta feminista coloque fim a dominação patriarcal, essa deva ser considerada de igual importância por mulheres e homens e que também seja construída coletivamente, com amor e solidariedade.

**SE APOIAM PARA CONQUISTAR A LIBERDADE E A IGUALDADE
QUE DESEJAM. RESPEITAR, OUVIR E DAR VOZ UMAS ÀS OUTRAS
SEM JULGAMENTOS**

**POR ISSO A IMPORTÂNCIA DE A LUTA FEMINISTA SER ANTIRRACISTA
E NÃO HETERONORMATIVA**

“Precisamos nos apoiar umas com as outras, perpassar todas as lutas das mulheres, desconstruir essa disputa entre nós. Não só nós que conseguimos dar passos, mas também as companheiras de forma geral que ainda não atingimos; dar passos largos para atingir as companheiras que estão sendo espancadas [...] Precisamos nos apoiar e confiar mais uma nas outras, e mexeu com uma, mexeu com todas, há preciso passos largos.”

(Alda - Cimi Leste Bahia)



“Pensar em nós como indivíduo sozinho não ajuda em nada, devemos pensar nos como um grupo social.”

(Carmem - ONG SOS)

“Queria trazer a questão da retomada, dos territórios, das mulheres, dos corpos. Elas hoje vendem produtos na feira, hoje tem água... A teia de PCTs continuam nessa luta em mostrar que as mulheres e os povos não estão sozinhos. Estamos todos nessa casa comum compreendendo espaço de vida e bem viver no enfrentamento e fazendo as retomadas.”

(Meire)

É o sentimento de sororidade que une as mulheres em uma rede de solidariedade, empatia e companheirismo.

“Não devemos culpar as mulheres que reforçam o sistema, devemos educar e passar esse conhecimento para outras e esse espaço é importante, mulheres de vários espaços, com dores de realidades diferentes.”

(Jeíéli Laís - MPA/RO)





“As cercas do fazendeiro continuam lá, mas elas não estão mais dentro de nós. Desmontar isso necessita estudar para reaprender. Esse espaço de resistência dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs).”

“Outra questão importante é a reflexão suficiente para empoderar essas companheiras. Os espaços têm sido suficientes para empoderar uma com as outras.” [...]

“Essas experiências nos ajudam a enfrentar os desafios de cada uma. Entendemos que são violação de direito e de nossos corpos e que precisamos enfrentar de forma organizada. Se compreendermos coletivamente o nosso desafio, pegar nas mãos umas das outras, levantar as mãos umas das outras, construímos jardim de resistência.”

(Valéria - Articulação das CPTs do Cerrado)

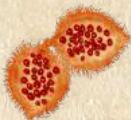
“Pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro”



PANDEMIA E IMPACTO NOS CORPOS TERRITÓRIOS

**VIDAS
INDÍGENAS
IMPORTAM**

PANDEMIA E IMPACTO NOS CORPOS TERRITÓRIOS



Umbuzeiro é como a representação das mulheres. Tem dias que tá só os galhos, outro só as flores, folhas... Mas por baixo, ou por dentro é mais bonito ainda, onde guarda as águas, a força e a riqueza.

Após um ano da pandemia do novo coronavírus, vimos que as mulheres são as que mais sofrem as consequências da crise sanitária e econômica. Se somarmos outros marcadores sociais veremos que as opressões são ainda mais sentidas por mulheres no campo, mulheres quilombolas, mulheres indígenas, pescadoras e de outras comunidades tradicionais. Isso porque a situação antes já não era fácil devido às pressões que seus territórios sofrem devido aos impactos do agronegócio e outros empreendimentos do capitalismo.

Muitos territórios foram cruelmente impactados durante a pandemia, seja através do adoecimento devido à contaminação por COVID-19, seja através do aumento das violências diversas que atingem os corpos-territórios.

Violências que aparecem através da ausência do Estado, dos governos, diante da séria ameaça à vida das populações tradicionais e do campo durante a pandemia, com o avanço do coronavírus nas comunidades.

Através do avanço do agronegócio e dos grandes empreendimentos, que contaminam a água, o solo, o ar e destroem completamente a natureza e os territórios.

Através do aumento da violência contra mulher, que atingiu números alarmantes durante a pandemia.

“Com pandemia aumentou muito a violência física, palavrões, sou filha de lideranças, com meu pai eu aprendi, como mulher eu levei essa luta para retomar esse espaço, tenho muito direito de defender nosso povo, na retomada dos territórios, muitas violências de casa mesmo, em geral, ta acontecendo isso, minha luta é de defender tudo, o direito das mulheres, as mulheres do cerrado, mexe na roça, estamos lutando para conhecer nossa realidade de outra etnia, de como a gente está sofrendo em Mato Grosso do Sul para ouvir nossa fala em lutar pelas crianças.”

(Lucine Guarani)

LUCINE GUARAMI KAIOWÁ



Se soma a esse cenário de precarização a sobrecarga de trabalho, além de serem responsáveis pelos serviços domésticos, cuidado com os filhos, com a roça, elas tiveram que auxiliar os filhos nas aulas online, isso nos casos das que conseguem ter acesso à internet.

“Para nós é muito difícil se manter na luta, não temos apoio para o cuidado com nossos filhos. Se eu tenho uma reunião virtual, ninguém quer cuidar das crianças, mas na hora do meu marido ninguém pode dar nenhum pio”, relatou uma participante do encontro.

Durante a pandemia, a fome voltou a crescer no Brasil e os dados mostram que a fome tem cor, tem região e é mais severa no meio rural. De acordo com o IBGE, 57% da população do Norte e 50% do Nordeste sofrem com a insegurança alimentar. E 74% das casas em situação de fome são chefiadas por pessoas negras.

No entanto, as comunidades seguiram resistindo e enfrentando esses impactos, através da sabedoria ancestral, que vem desde os seus antepassados e do poder de cura que emerge dos territórios, através das águas, ervas, frutos e sementes.

57% DA POPULAÇÃO DO NORTE E 50% DO NORDESTE SOFREM COM A INSEGURANÇA ALIMENTAR. E 74% DAS CASAS EM SITUAÇÃO DE FOME SÃO CHEFIADAS POR PESSOAS NEGRAS.

Muitas comunidades construíram barreiras sanitárias, controlando a entrada e saída de pessoas e até mesmo não permitindo visitantes de fora dos territórios. Também investiram fortemente na comunicação dos métodos de prevenção contra o coronavírus, incentivando o uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento social. São medidas muito boas para evitar que mais pessoas adoçam e venham a óbito.

Nesse momento, a vacina também já está chegando em comunidades que estão nos grupos prioritários, quem são elas: profissionais da saúde, idosos, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, entre outras. Mesmo depois de vacinação continue tomando todas as medidas de proteção, você ainda pode transmitir o vírus para outras pessoas.

QUANTO MAIS PESSOAS VACINADAS, MAIS RÁPIDO ACABARÁ A PANDEMIA. VACINAÇÃO JÁ!



REFERÊNCIAS

DJAMILA RIBEIRO. **Djamila Ribeiro sobre racismo no Brasil: Todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista.** <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/05/djamil-ribeiro-sobre-racismo-no-brasil-todo-mundo-sabe-que-existe-mas-ninguem-acha-que-e-racista.htm>. Acessado, 18 de março de 2021.

FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva.* Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. 460p

FEDERICI, Sílvia. **Sobre o Feminismo e os Comuns.** <https://elefanteeditora.com.br/federici-sobre-o-feminismo-e-os-comuns/>.

Mapa da Violência de Gênero no Brasil: <https://mapadaviolenciadegenero.com.br/>

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocali Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380 p.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural II.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p. 328-366.

<http://historico.redeunida.org.br/editora/biblioteca-digital/mulheres-camponesas-pdf>

Projeto editorial - Cartilha da Articulação das Mulheres do Cerrado.

Em novembro de 2020 foi realizado o *// Encontro de Mulheres do Cerrado: construindo resistências*. Com coragem e teimosia mais de 100 mulheres estiveram reunidas virtualmente, enfrentando os desafios impostos pela pandemia, entre eles o da exclusão digital.

Com a força das suas ancestrais, as mulheres do Cerrado se guem enfrentando o sistema capitalista-racista-patriarcal a partir da vida cotidiana, da produção de conhecimento, das lutas travadas nos seus territórios.

Direção de arte e ilustração: Sarah Pinheiro

Diagramação: Giuliana Romano

Ilustração da capa: Zica Pires

Coordenação Editorial: Leila Cristina L. S. Moraes, Olga Lucia Matos Oliveira, Valéria Pereira Santos, Amanda Costa e Andressa Zumpano

Realização: Articulação de Mulheres do Cerrado / Campanha Nacional em Defesa do Cerrado.

Apoio Cese e Miserior.